

## MASCULINIDADES DISSIDENTES NA MÚSICA POP *MAINSTREAM*

*Eixo Temático 01 - A Arte e suas Manifestações: Navegando entre as  
Diferenças, Corpo(S), Gênero(S) e Sexualidade(S)*

Vinícios Nalin <sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho propõe uma discussão acerca da masculinidade que oprime corpos dissidentes na cena *mainstream* da música pop global e, de forma oposta, como o surgimento de representações apontam uma utopia de virada contracultural. Aborda-se centralmente o corpo preto-gay-queer do cantor Lil Nas X, o qual possui um percurso que rompe barreiras da masculinidade hegemônica constantemente firmada na música pop estadunidense e se expande para um contexto global. Para isso, são recorridas as suas produções musicais, estéticas e culturais diante do mercado fonográfico e da sua inserção musical no gênero pop ao longo de seus trabalhos. Por este, percebemos ausência de semelhantes e a importância de sua presença no contexto musical de sucesso ao qual o artista se encontra e representa sua tribo.

**Palavras-chave:** Lil Nas X; Música Pop; Masculinidades; LGBTQIA+.

### INTRODUÇÃO

A música pop sempre teve presença efetiva em meio a comunidade LGBTQIA+ global. A estética, as sonoridades e todo o contexto visual performático sempre fizeram, e continuam fazendo, parte do cotidiano dessa tribo. Grande parte dessa presença se dá pela proximidade das divas pop ao movimento em busca dos direitos à comunidade LGBTQIA+, a exemplo de Madonna, como uma das grandes pioneiras da inserção desta luta ao cenário *mainstream* (AMARAL; GOVARI, 2021) e Lady Gaga, que sempre abordou as subversões de gêneros em seus videoclipes musicais e turnês (PINTO, 2013).

---

<sup>1</sup> Arquiteto Urbanista pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul – campi Chapecó/Erechim (PPGGeo/UFFS), bolsista UNIEDU/FUMDES, [vininalin45@gmail.com](mailto:vininalin45@gmail.com);

Embora essa presença seja visualmente percebida, com a subcultura do *Ballroom* sendo difundida por Madonna em seu videoclipe *Vogue* (*Warner Records*, 1990) ou com Elton John fazendo imenso sucesso comercial com suas performances com estéticas que subvertiam dicotomias de gênero, a presença de corpos dissidentes nas paradas de sucesso e na mídia ainda era pontual e teve um grande hiato, principalmente entre as décadas de 2000-2010.

Recentemente, em 2018, Montero Lamar Hill, artisticamente conhecido como Lil Nas X, surge no cenário musical com a explosiva ‘*Old Town Road*’ (*Columbia Records*, 2018), quebrando diversos recordes.<sup>2</sup> Apesar de todo esse sucesso, Lil Nas X não agradou a todos, principalmente por ser um homem negro, cantando *country*, um gênero musical popularmente conhecido por sua grande predominância branca (N’THANDA, 2020).

Neste mesmo tempo, o artista se assume gay para seu público através de sua canção ‘*C7osure (You Like)*’, presente em seu primeiro EP<sup>3</sup>, ‘7’, sendo ainda mais alvo de críticas por parte dos conservadores norte-americanos. Na canção ele canta: “Falando a verdade, eu quero e preciso/ Me libertar, usar meu tempo para ser livre” (*C7osure (You Like)*, 2019, tradução nossa), pontuando a importância a qual ele estava se estabelecendo naquele momento enquanto falar de sua sexualidade para seu público.

Embora sua grande e irreverente estética e versatilidade, a mídia e grande parte do público ainda o encaixavam em categorias *rap* e *hip-hop*, o que não seria demérito salvo não fosse uma forma de segregar corpos negros a categorias consideradas negras pelas premiações e paradas musicais, isolando-os fora do *pop*. Da mesma maneira (e de certo modo em outra perspectiva), com relação ao rap, Lil Nas X não possui grande abertura para colaborações, chegando a ser questionado pela falta de homens negros em seu recente lançado álbum *Montero* (*Columbia Records*, 2021), questão a qual ele mesmo respondeu em seu twitter: “talvez eles não queiram trabalhar comigo” (2021)<sup>4</sup>.

Tal questão abre discussão acerca das masculinidades hegemônicas, que centralizam de modo discursivo e institucional corpos dominantes no campo

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.billboard.com/articles/columns/chart-beat/8524235/lil-nas-x-old-town-road-longest-number-one-hot-100> Acesso em: set. 2021.

<sup>3</sup> Do inglês, *Extended Play*. Consiste em uma gravação musical que é considerada curta demais para ser uma única música e curta demais para ser considerada um álbum completo.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://twitter.com/LilNasX/status/1433154903975677952?s=20> Acesso em: set. 2021.

sociocultural (CONNEL; MESSERSCHIMIDT, 2013) e da ausência de masculinidades dissidentes no cenário *pop mainstream* as quais vêm sendo rompidas com a presença de *drags* e demais corpos *queers* que se fazem presentes, mesmo que de maneira subversiva (VECCHIA; FERREIRINHO, 2020).

Assim, esta pesquisa busca refletir como as masculinidades dissidentes surgem e se estabelecem na música *pop mainstream*, influenciando uma geração a qual constantemente vive conectada e consome essas mídias diariamente. Para isso, será discutida de forma conjunta, a trajetória de Lil Nas X, como campo utópico de uma representação que possibilita um horizonte de possibilidades de visibilidade a corpos discordantes da masculinidade viril-macho, atribuída diante de seu sucesso comercial e da forma com que o artista vem ocupando seu espaço físico, bem como o simbólico, com sua presença nas paradas e listas musicais.

## DESENVOLVIMENTO

Para Connell e Messerschmidt (2013), as masculinidades e feminilidades são construídas socialmente, trazendo de maneira simbólica suas definições binárias de masculino-feminino, traçados em um ideal imaginado e socialmente esperado. Nesta perspectiva, podemos observar que não necessariamente fala-se simplesmente em homem e mulher, mas sim sobre o gênero e sua performatividade (BUTLER, 2013), ao qual não há abertura para dissidências do que é binário, marginalizando performatividades não-binárias, que subvertem os padrões cis-heteronormativos da sociedade.

Sobre as masculinidades, Januário (2016, p. 126) nos acrescenta que, em sua especificidade, as masculinidades marginalizadas

incluíram todos os indivíduos do sexo masculino que não se encaixavam nas normas da masculinidade hegemônica (Connell, 2005; Kimmel, 1997; Vale de Almeida, 2000). A marginalidade relaciona-se com as relações de poder que a masculinidade hegemônica exerce sobre as demais masculinidades. Esta forma de masculinidade está discriminada devido à condição subordinada de classe social ou etnia. A marginalização é produzida nos grupos explorados ou oprimidos que podem compartilhar muitas das características da masculinidade hegemônica, mas que são socialmente desautorizados.

Essa percepção possibilita ao resgate do decorrer dos anos 60, onde os movimentos ativistas, de rua e contraculturais buscavam a "transformação pessoal pela autolibertação, o resgate da utopia e a realização de uma revolução com base em um novo estilo de vida" (MESQUITA, 2008, p. 88). Assim vemos a abordagem aqui referente ao artista Lil Nas X e sua presença discordante dos demais corpos que fazem sucesso *mainstream*, como um representante atual desse resgate utópico, baseado em sua performance e dissidência. Lil Nas X é um homem preto-gay-queer que, esteticamente apresenta-se assim, sem máscaras sobre sua imagem.<sup>5</sup> Se para Galeano (1994) a utopia seria uma linha no horizonte a qual almejamos chegar ao alcance, nos mantendo em movimento, Lil Nas X representa o percurso em busca dessa linha ao seu público que almeja pela libertação e rompimento de amarras hegemônicas.

O contexto do *mainstream* e *underground*, bem como as maneiras as quais estes constituem as representações midiáticas da cultura pop, permeiam muito sobre o título de não comercial *versus* comercial em massa (AMARAL; GOVARI, 2021), que disporiam então sobre o que seria autêntico e o que é facilmente vendível<sup>6</sup> – características que atualmente passaram a se entrelaçar até certo ponto, com a ascensão das plataformas de streaming, onde o público realmente escolhe o que deseja ouvir e pelo desenvolvimento de produções audiovisuais LGBTs. Logo, o acesso de artistas dissidentes no *mainstream* aponta uma grande contribuição para a subversão<sup>7</sup> das normatividades performáticas atribuídas pelos longos anos nas paradas de sucesso, deixando de ser um corpo unicamente *underground* e passando a exercer influência direta naquilo que está sendo consumido globalmente.

A negritude de Lil Nas X também é um dos grandes pontos de discordância de sua aceitação ao *pop mainstream*. Em sua canção *Industry Baby* (Columbia Records,

---

<sup>5</sup> É importante destacar que não há obrigação nenhuma em artistas se assumirem LGBT+, embora isso potencialize seu contato com o público ao qual ele se identifica, entende-se a possibilidade de esse movimento acarretar em seu *flop* comercial, onde determinados grupos de pessoas podem vir a passar a atacar sua imagem pela discordância de sua sexualidade, diante da heteronormatividade compulsiva.

<sup>6</sup> A ideia de que *underground* seja algo não comercial e pouco vendável, se estabelece através do modo como esse espaço cultural se conforma no cenário artístico, uma vez que sua apropriação pelo contexto *mainstream* é o único modo de sair dos espaços marginalizados. Desta forma, o cenário *underground* é direcionado a grupos específicos que não se contextualizam nos contornos da massificação hegemônica.

<sup>7</sup> Para além de sua definição linguística enquanto ato ou efeito de derrubar, destruir, arruinar, ou mesmo de ser uma perversão moral, a subversão aqui é compreendida como como um ato político e como um contraponto à cultura cis-heteronormativa hegemônica.



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,  
Saúde e Sustentabilidade

2021) o artista expõe “Sou um cara do pop como o Bieber, ha/ Eu não tr\*po com v\*dias, sou uma *queer*, ha”.<sup>8</sup> Quanto a esse problema racial inserido na marginalização do homem negro homossexual, Bibiano (2020, p. 100) acrescenta que

a marginalização do homem negro homossexual, dentre o ‘espectro’ da negritude, é produzida discursivamente nessas relações e está inscrita no contexto de invisibilidade dado na circulação desses discursos sobre a negritude que invalidam sua experiência e embargam a possibilidade de narrar-se como sujeito negro.

Esse movimento de marginalização ao homem negro, na indústria da música, percorre de forma muito explícita dentro da música *pop*, onde negros são vistos, como já mencionado, como rappers. O homem negro homossexual, por sua vez, é subordinado também pela dominação cis-heteronormativa (JANUÁRIO, 2016), que passa a incluir a segregação em seu próprio nicho.

Desta forma, o rompimento exercido por Lil Nas X com o lançamento de seu álbum MONTERO, exerce sua disputa pela representação de seu corpo e identidade *queer* no espaço pré-estabelecido como o qual ele “não deveria” estar, nem mesmo tratando seu corpo como o *locus* de seu exercício de poder e dominação<sup>9</sup> (JANUÁRIO, 2016).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como vivemos em um mundo altamente midiaticizado, onde performances de corpos hegemônicas ocupam as telas, buscamos encontrar nossa representação enquanto seres que transitam pelo espaço e que consomem essas mídias.

Muito além de assumir sua homossexualidade, Lil Nas X proporciona com seu álbum MONTERO a abertura a corpos dissidentes ao sucesso do *mainstream*. Embora tais representações já tenham existido em outros momentos, a atualidade carece de corpos que subvertam padrões hegemônicos através de sua arte. Para o rapper Kid Cudi,

---

<sup>8</sup> Destaca-se aqui que Justin Bieber é um artista branco, canadense, que faz grande sucesso na música pop, em especial nas paradas norte americanas.

<sup>9</sup> Utiliza-se o termo ‘dominação’ como forma de relacionar a performatividade de Lil Nas X com sua arte, a maneira como o artista vem se expressando e respondendo às críticas e ataques aos quais vem recebendo, exerce dominação de sua própria atuação.



em artigo para a *Time 100*<sup>10</sup> (2021) “ter um homem gay no hip-hop, fazendo suas coisas, quebrando recordes é ótimo para nós e para a excelência negra” acrescentando ainda que, para ele, na medida que Lil Nas X não possui medo em deixar as pessoas desconfortáveis expressa seu caráter “rock ‘n’ roll”.

A aceitabilidade de Lil Nas X, seja com o sucesso comercial que seu álbum vem fazendo, a recepção crítica das mídias especializadas<sup>11</sup>, as colaborações que o artista conseguiu inserir em seu trabalho<sup>12</sup> e o apoio e reconhecimento que vem recebendo de artistas já consolidados, demonstra a perspectiva de uma virada para esses corpos dissidentes, um olhar para esses que por muitos são tratados como nichos (ou como referências para demais trabalhos acessarem o sucesso *mainstream*), impossibilitados de avançar ao estrelato ou ter um reconhecimento para além de suas esferas tribais.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana R.; GOVARI, Caroline. **Dos fluxos midiáticos entre o *mainstream* e o *underground*: os encontros e desencontros de Madonna e as subculturas.** Líbero, São Paulo, 2021. Disponível em: <<http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1213/1225>> Acesso em: set/2021.

BIBIANO, Matheus. **Masculinidades negras em disputa: Autenticidade racial e política de respeitabilidade na representação da homossexualidade negra masculina.** Periódicos, Bahia, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/35671/21727>> Acesso em: set/2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade.** / Judith Butler; tradução Renato Aguiar. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, 2013.

---

<sup>10</sup> Lista anual da revista *Time*, que traz as pessoas mais influentes do ano. Disponível em: <https://time.com/collection/100-most-influential-people-2021/> Acesso em: set. 2021.

<sup>11</sup> A recepção crítica pode ser avaliada a partir do site “metacritic” que reúne as avaliações das maiores e mais respeitadas revistas de música do mundo, fazendo a atribuição de uma nota para o álbum e reunindo todas as avaliações que o mesmo teve em seu lançamento. As avaliações referentes ao MONTERO encontram-se disponíveis em: <https://www.metacritic.com/music/montero/lil-nas-x>. Acesso em: set. 2021.

<sup>12</sup> Seu álbum contou com colaborações de grandes nomes da música como Elton John, Miley Cyrus, Megan Thee Stallion, Doja Cat e Jack Harlow.



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,  
Saúde e Sustentabilidade.

CUDI, Kid. The 100 Most Influential People of 2021: Artists - Lil Nas X. **TIME**, 15 set. 2021. Disponível em: <<https://time.com/collection/100-most-influential-people-2021/6095928/lil-nas-x-artist/>> Acesso em: set/2021.

GALEANO, E. **As palavras andantes**. Porto Alegre: L & PM Editores, 1994.

JANUÁRIO, Soraya B. **Masculinidades em (re) construção: gênero, corpo e publicidade**. Covilhã: LabCom.IFP, 2016.

MESQUITA, André L. **Insurgências poéticas: Arte ativista e ação coletiva (1990-2000)**. São Paulo, USP, 2008.

N'THANDA, Oghan. O racismo na música country e como isso afetou Old Town Road de Lil Nas X. **Estilo Black**, São Paulo, 05 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.estiloblack.com.br/2020/05/o-racismo-na-musica-country-e-como-isso.html>> Acesso em: set. 2021.

PINTO, R. M. L. **Subversão, performance e mainstream: a representação de gêneros nos videoclipes de Lady Gaga**. IV Encontro Nacional de Estudos da Imagem/I Encontro Internacional de Estudos da Imagem Londrina, 2013. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2013/anais2013/trabalhos/pdf/Rafael%20Mendonca%20Lisita%20Pinto.pdf>> Acesso em: set/2021.

SILVA, Robson G. **Corpo, masculinidade, moda e biopolítica: apontamentos para uma genealogia da saia**. *Periódicos*, Bahia, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/35693/21733>> Acesso em: set/2021.

VECCHIA, L. C. D.; FERREIRINHO, G. C. **O que é necessário para ser uma Drag Queen de sucesso? Negociações performáticas e estéticas entre corpos desviantes e o público mainstream**. *Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura*, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/3925>> Acesso em: set/2021.